



# O aluno agregado – ou a presença de alguém que é, sem ser, na Escola Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã, Caldas, MG

*Beatriz Sales da Silva<sup>1</sup> e Maria Teresa Égler Mantoan<sup>2</sup>*

## **Resumo**

O presente artigo tem o propósito de trazer à luz uma prática pedagógica da Escola Estadual Indígena Xucuru Kariri, do município de Caldas, MG. No intuito de entender a presença do aluno dito agregado nas turmas, vamos conhecer o que os diferentes atores da cena escolar pensam sobre o mesmo. Penetrar nos sentidos de cada uma das narrativas (mônadas) em que o tema do estudo se desenrola é uma forma de reconhecer e de avaliar o que representa esse aluno para o processo educacional em uma perspectiva de escola hospitaleira.

**Palavras-chaves:** Educação Escolar Indígena, aluno agregado, hospitalidade.

## **Abstract**

The present article has the purpose of bringing to light a pedagogical practice of the Xucuru Kariri Indigenous State School, in the municipality of Caldas, MG. In order to understand the presence of the said student in the class, we will know what the different actors of the school scene think about the same. Penetrating the senses of each of the narratives (monads) in which the theme of the study unfolds is a way of recognizing and evaluating what this student represents for the educational process from a hospitable perspective.

**Key Words:** Indigenous School Education, Aggregate Student, Hospitality

## **Primeiras palavras**

*(...) Os temas humanos não podem ser tratados como sociológicos, educacionais, antropológicos ou históricos; são simplesmente humanos, políticos e sociais.*

Milton José de Almeida. *Um homem que lia.*

Aqui, deixamo-nos conduzir por algo que pode suscitar compreensões mais profundas que podemos imaginar. Pela experiência das autoras no campo da Pedagogia atuando nas modalidades da Educação Escolar indígena e da Educação Inclusiva, querendo saber cada vez menos e com isso podemos chegar a compreensões mais profundas do que podemos imaginar. Chegar ao que é essencial.

---

1 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

2 Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Esse texto aborda parte de uma experiência educacional que realizamos na Escola Estadual Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã localizada no município de Caldas, MG. Situamos nossos estudos no campo da hospitalidade incondicional, defendida por Derrida (2003) e Bonder (2008) e re-interpretada pelas autoras (2018), como fundamento de uma escola hospitaleira. Acrescentamos Illich (1985), para arrematar nosso entendimento mais geral sobre o tema, o qual constitui um campo de estudos ainda pouco explorado no contexto de uma educação inclusiva, assegurada indistintamente a todos os alunos. Partimos das vozes dos professores da escola indígena citada por considerá-las essenciais para conhecer o aluno agregado, em seu cotidiano hospitaleiro. O estudo apresenta-se sob a forma de Mônadas (BENJAMIN, 1994), carregadas de narração, de memória, de rememoração, de sentidos livres, múltiplos, historicamente construídos e reconstruídos pelos diferentes sujeitos.

### O contexto

A caracterização do aluno agregado e a sua influência no cotidiano da Escola Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã, município de Caldas-MG é o nosso propósito nesse texto. (Des) percebido, (des)respeitando regras, ele chega, adentra a escola sem estar matriculado. Coabitando uma terra alheia, que benefícios produzem a sua presença nas salas de aula?

**ra terra ter  
rat erra ter  
rate rra ter  
rater ra ter  
rater a ter  
raterra terr  
araterra ter  
raraterra te  
rraraterra t  
erraraterra  
terraterra**

O poema *Terra*, poesia concreta de Décio Pignatari, foi escolhido para introduzir o estudo. Ele remete ao sentido do arar a terra, do trabalho daquele que cultiva sem ter a terra. Atende ao

nosso intento de demonstrar o papel do aluno agregado, como alguém que é, sem ser, no contexto específico de uma Escola Indígena.

### **Uma escola que acolhe**

Na aula inaugural proferida aos alunos do Mestrado Profissional, em abril de 2018, uma das autoras cunhou o termo *escola hospitaleira* para acolher os novos alunos do Programa Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Optamos por descrever o que distingue essa escola ao estudarmos a sua caracterização.

Nessa aula, apoiada em Derrida (2003), ficou claro que aquele que chega, nas regras da verdadeira hospitalidade, não é somente o que fala a nossa língua, em todos os sentidos do termo e em todas as suas possíveis extensões. Gozar desse direito de convivência e compartilhamento não pode continuar sendo um privilégio de alguns, que preenchem os requisitos indispensáveis para conviver conosco nas turmas, compartilhar o que sabemos e ser bem acolhido.

Entendemos a hospitalidade como a consequência de um entendimento básico do que compete à escola na educação das gerações: ser responsável por ensinar indistintamente a todos os que chegam. A recepção incondicional aos alunos é a marca, o propósito primeiro das escolas. É uma divisa que deveria valer para todos, em todos os níveis de escolaridade.

O direito à hospitalidade faz emergir falsas definições de identidade do aluno. Hospedar o novo nas escolas não deveria implicar que ele se adaptasse aos nossos padrões e seguisse estritamente as nossas regras e modelos. Na escola hospitaleira, o professor recebe o aluno com toda a bagagem que é parte do hóspede que chega.

Receber e conviver em um mesmo ambiente com as diferenças de cada um de nós é estar certo de que haverá conflitos, disrupções, ameaças a serem ultrapassadas, pois faz parte da hospedagem os estranhamentos locais, os reconhecimentos, a conquista da harmonia possível nos relacionamentos. A hospitalidade não se define inicialmente pela passividade e aquiescência. A relação modula-se e esclarece-se na experiência de estarmos uns com os outros. Envolve um exercício contínuo de desequilibrações e de acomodações para se tornarem cada vez mais qualificadas e dotadas das formas mais humanas e apropriadas de convívio.

O que seria necessário desaprender para ensinar na hospitalidade, condição para que haja a participação de todos na construção do conhecimento nas escolas?

O professor hospitaleiro não tem prescrições, nem as melhores rotas que precisam ser seguidas, aprendidas, reproduzidas para que o aluno peregrino chegue ao destino pretendido. Para o professor e o aluno que se envolvem na busca e na criação de caminhos que levam a um conhecimento possível, nada está pronto. Esse professor acompanha, penetra nos atalhos, derivações, considera os traçados feitos pelo aluno na sua caminhada. A relação entre ambos se horizontaliza e é nessa posição que conseguem ir além do que já sabem. O verdadeiro professor hospitaleiro faz o hóspede sentir-se em casa, bem abrigado. Ao se sentir assim, com liberdade de se manifestar, de





acesso aos bens do local, o aluno é o hóspede que se beneficia da relação solidária do professor hospitaleiro e vê diante de si possibilidades de convívio, de trocas, de encontros.

### **O aluno agregado na escola Xucuru Kariri Warcanã de Aruanã**

Vindo de Palmeira dos Índios, nas Alagoas, o Povo Xucuru Kariri chegou ao município de Caldas, em Minas Gerais, no ano de 2001. A Escola Indígena Xucuru Kariri Warcanã de Aruanã começou a funcionar em Caldas em 2003, dentro da aldeia como segundo endereço da Escola Estadual Souza Novais. A escola funcionou por um período em um quarto da casa do Cacique José Sátiro do Nascimento (*in memoriam*) e depois em um barracão cedido por ele até a reforma do mesmo para o seu funcionamento. Em 11 de março de 2005, foi publicado o ato de Criação da escola para esse Povo. E, em 2018, completaram-se quinze anos de funcionamento. Atualmente, a Escola oferta todos os níveis da Educação Básica, pois até 2015 na conclusão do Ensino Fundamental I, os alunos eram encaminhados para escolas públicas do município de Caldas - MG para dar continuidade aos estudos. Isso causou muitos conflitos para as lideranças, alunos e professores. Devido ao fato de terem que estudar na cidade, os alunos ficavam expostos a toda sorte de influências, como dizia Dona Josefa, liderança indígena. Segundo ela, “o mundo das drogas, da bebida, do sexo também fazia parte do currículo da cidade”. Os jovens indígenas pouco a pouco iam enveredando por esses caminhos causando muita preocupação para as famílias que começaram a reivindicar o retorno dos alunos para estudar na escola da aldeia. Foram feitas muitas reivindicações à Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas para que a escola indígena passasse a oferecer o Ensino Fundamental II e também o Ensino Médio. Conscientes dos seus direitos, as lideranças lutaram até que os alunos indígenas retornaram para estudar na escola da aldeia depois que o Ensino reivindicado passou a ser ofertado e ministrado por professores indígenas. Uma mudança significativa na realidade da escola, tanto na prática pedagógica, quanto na questão da reafirmação das identidades.

Desde 2013, a escola passou a atender a alunos da Educação Infantil de 04 e 05 anos de idade. Em 2015, passou a oferecer o Ensino Médio, com o retorno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Integral Integrada. Estão nela matriculados 68 alunos, distribuídos nas diferentes turmas. A Escola conta com 12 professores de ensino comum, entre professoras para os pequenos da Educação Infantil, um professor de Uso do Território e outro, de Cultura, Arte e Língua Indígena. Hoje, a maioria dos professores que atuam na escola é indígena e aqueles que não são, estão na categoria de casados com indígenas, com uma única exceção que se trata de uma professora não indígena que vem da cidade de Caldas.<sup>3</sup>

Desde sua criação, a figura do aluno agregado é uma constante no cotidiano da Escola. Trata-se de um personagem que retrata algumas das sutilezas do seu dia-a-dia, que conheceremos nesse texto.

---

<sup>3</sup> Estes dados foram obtidos na documentação da Secretaria da E.E Indígena Xucuru Kariri Warcanã de Aruanã, município de Caldas, MG em maio de 2018.

Para colocar o leitor diante do universo singular dessa Escola, reunimos dez mônadas, recolhidas durante o tempo em que convivemos com os professores, alunos e pais.<sup>4</sup> Nessa perspectiva, serão apresentados os fragmentos das histórias narradas pelo Povo Xucuru Kariri que serão chamadas de mônadas. Para esclarecer o significado do conceito de mônadas, Benjamim (1994) nos fala que elas habitam a linguagem. Estão carregadas de narração, de memória, de rememoração, não de sentido único, mas de sentidos livres, múltiplos, historicamente construídos e reconstruídos pelos diferentes sujeitos.

Para Benjamim (1994), o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou aquela relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. Nesse sentido, as mônadas podem ser consideradas o discurso vivo e ao mesmo tempo conferem beleza ao que está desaparecendo, à arte de narrar que está definhando. Ao considerar que as mônadas produzidas pelos entrevistados estão carregadas de subjetividades, transpassadas pela linguagem, pela cultura, incomparáveis umas às outras e carregadas de emoção, Benjamim aponta-nos que:

A cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da narrativa está em evitar explicações. O leitor é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. Nesse sentido o narrador retira da experiência o que ele conta. (1994: 103)

O conceito de mônadas na qual operamos em nossa metodologia carrega em si a concepção do físico Leibniz (1974) que escreveria já no final de sua vida, em 1714, para fundamentação que dentre outras bases “uma mônada *não pode exercer qualquer efeito sobre a outra, pois entre elas ocorre uma acomodação, a partir do que se passa em cada uma, inferir por mero cálculo o que se passa o que se passou ou passear-se em todo universo*”. Para Leibniz cada “mônada apresenta-se neste sentido, como um mundo distinto, à parte, próprio -, mas também como unidade primordial que compõe todos os corpos”.

Trago também o argumento que Galzerani (2002) diz respeito à produção de memórias de conhecimento histórico em Walter Benjamin, passamos a mergulhar em algumas “mônadas” ou miniaturas de significados – conceito que Benjamin coloca em ação no diálogo com o físico Leibniz. Tais centelhas de sentidos podem ter, para o pensador, a força de um relâmpago.

No intuito de entender a presença do agregado nas turmas, precisamos conhecer o que os diferentes atores da cena escolar pensam sobre esse aluno. Penetrar nos sentidos de cada uma das mônadas é uma forma de reconhecer e de avaliar o que representa o aluno agregado, em nuances e detalhes, para o processo educacional escolar.

<sup>4</sup> Atuo como analista educacional pedagoga na referida escola indígena desde o processo de sua criação em 2003 até o momento, como funcionária da Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas.





## A hospitalidade na voz da escola

### Mônada 1

#### Em todo lugar, a gente aprende um pouco!

#### Por Aroeira, professora indígena do Ensino Fundamental I

A escola dentro da aldeia prioriza principalmente os alunos agregados. Lá na cidade, na escola dos não índios, se chegar alguém que não está matriculado... Aqui não. Se tiver quinze alunos matriculados, chegam cinco, chegam dez que não estão matriculados, são só agregados. Eles vão estudar do mesmo jeito, fazem as atividades, brincam, merendam iguais aos alunos que estão matriculados. Frequentam a escola. A Escola diferenciada está falando! Como aqui, a educação que os meninos da aldeia recebem é uma educação diferenciada, por causa da aula de Cultura. Quando eles vão para a escola da rua, eles não têm aula de Cultura, aula de Uso do Território. Quando chegam aqui na escola, eles são recebidos do mesmo jeito que eles vêm. Não como na escola da cidade em que eles têm que ir todos calçados. Aqui não. Às vezes nem com cadernos eles chegam e são recebidos, têm aula do mesmo jeito. Nesta escola da aldeia, a gente não dá aula só no espaço da sala de aula. A gente tem o território, tem que cuidar da terra, mexer com a terra, se sujar. A nossa escola não é só na sala de aula; o nosso dia a dia pode ser fora da escola, no sol, brincando. Em todo lugar a gente aprende um pouco (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

### Mônada 2

#### Pezinho da gota!

#### Por Gi, professora indígena do Ensino Fundamental I

Esse termo *agregado* veio da Secretaria e é usado pela Educação. Para nós é apenas uma criança que veio e não estava matriculada. Acompanhava, mas não tinha idade. Vim conhecer esse termo aqui em Minas. Vinham os que podiam ser matriculados e os irmãozinhos também. Kairã quer estudar com os grandes. Esse termo agregado é só uma situação formal. Ele contribui por estar ali se acostumando com o ambiente escolar. Ele vem espontaneamente, vai começando, sim, a interação com as crianças. Aqui chega todo mundo a toda hora, na hora que dá na telha, para observar, fica olhando, têm a liberdade de fazer isso. Na escola da rua é um enjaulamento. Tem que marcar hora. Ele contribui, sim, para o trabalho do professor, por conhecer essa criança agregada na sala de aula, porque na comunidade ele já conhece. Tem criança que é um pezinho da gota (danado)

na aldeia e, na escola, tem outro comportamento. Toda criança tem um comportamento que é inesperado pelo professor. Por mais que ele prepare a dinâmica da sala de aula, ele é sempre surpreendido. Isso faz o professor refletir muito. A criança tem muito a nos ensinar. Um exemplo é a Itawanã. Esta aluna aprendeu mais rápido do que os alunos que estavam matriculados e me surpreendeu. É válido o acompanhamento dessas crianças desde que aconteça por livre e espontânea vontade dela. Que o professor a veja como uma criança que frequentará as aulas regularmente. O problema das crianças agregadas que acompanham é uma questão governamental, pois falta merenda e material a serem usados por todos. É o caso da primeira aluna agregada da nossa escola. Aqui ela não pôde ser matriculada e chegando a Alagoas ela foi acelerada. Em vez de entrar no 1º ano, ela foi acelerada e foi matriculada no 2º ano. Ikaoni é um menino bem adiantado em relação ao desenvolvimento dos outros. Maria era uma criança muito tímida. Esse ano é que ela iria se adaptar no ambiente da escola. Não posso falar de muitas outras escolas indígenas sobre os agregados - a escola indígena das crianças que participam sem estarem matriculadas. Mas há, por exemplo, a escola Kariri, na Bahia e a escola da Fazenda Canto, em Alagoas. Alagoas é uma realidade, eles vão mesmo. As crianças agregadas são meu porto seguro porque elas vindo, tenho a certeza da continuidade da educação indígena. Vejo-as como o pedacinho do amanhã. A criança que se sente em casa, ela mostra aquilo que a gente não consegue enxergar, nos gestos, na fala, nas brincadeiras; tem liberdade. Nas escolas da rua tem tudo regrado, não tem espaço para a criança crescer. A Maria, no ano passado, não estava matriculada. Ela vinha na hora que queria por livre e espontânea vontade. As regras vão sendo introduzidas sem que elas percebam. Elas vão ficando ali e se acostumando sem a ruptura da criança com a casa. Com três anos, ela começou a frequentar a escola. Viu o irmão indo e queria ir junto, ficava lá. Chorava para ir para a escola. O irmão estava matriculado no 1º ano. Ela ia até à escola para ver o que ele estava fazendo. Ficava lá até a hora do recreio (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

### **Mônada 3**

#### **Sem entender nada!**

#### **Por Aroeira, professora indígena do Ensino Fundamental I.**

Eu não tinha experiência de escola, quando comecei a dar aula. Luth foi alfabetizada com quatro anos. Ela ia e ficava interessada nas aulas. Ela chegava lá e começava a ler livros de história. O livro, *O Barquinho Vai*, esse livro não tem nenhuma letra e ela contou a história. Ela foi a primeira agregada da minha sala





e hoje tem 14 anos e está matriculada no 1º ano do Ensino Médio na escola da cidade. O meu filho só tem três anos e ele está acompanhando a sala da Quipá. Ele diz: “não quero ficar na sala de aluno pequeno, quero grande”. Têm vezes que ele quer fazer o mesmo dever dos grandes. Pega uma folha de sulfite e escreve. Nesse dia, ele estava em uma aula de sexta-feira, de vídeo. Depois que terminou a aula, abriu a discussão; a professora perguntou quem eram os personagens do filme *Chapeuzinho Vermelho*. Foram escrever quem eram os personagens. Perguntei: Como é que se escreve lobo mau? Ele respondeu: “\_ é com L de lápis”. Todo mundo ficou sem entender nada. Como é que ele sabe, nem eu mesma sei. De tanto ele ir para a escola? Só quando está muito frio ou chovendo que ele não vai. Ele diz: “a senhora nem me acordou.” Ele cismou que quer ficar na sala comigo e não quer ficar com aluno pequeno. O meu outro filho, o Ikaoni, tem uma experiência muito boa. Acorda cedo e vai. Eu acho que toda a experiência com os agregados está dando certo; eles não atrapalham as aulas. Não atrapalha se você tiver uma ideia boa para eles fazerem. Na hora da leitura, prestam muita atenção. Ele tem mais oportunidade aqui. Na escola da rua, eles mandam esperar lá fora e, aqui, as portas estão sempre abertas. Tem vez quando ele se cansa vai lá em casa come alguma coisa, volta, brinca lá fora e volta de novo. Aqui a gente tem mais oportunidade para ficar na escola e quando os pais acham interessante uma coisa na aula, eles podem participar. Os pais levam as crianças e ficam assistindo, ajudam as crianças. Atividades das festas, das apresentações, a gente faz tudo juntos. Na escola da rua os pais só comparecem quando tem reunião ou quando o filho faz alguma coisa errada (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

#### **Mônada 4**

##### **É bem pequenininho!**

##### **Por Sindinawê, aluna regular do Ensino Fundamental I**

Ele desenha, joga, briga com os meninos e brinca com a gente. Sabe desenhando, sabe brincar. Ele bate nos meninos, chamam ele de Zé Martim porque ele é bem pequenininho (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013)

#### **Mônada 5**

##### ***Beijo de bicho***

##### **Por Ikaôni, aluno regular do Ensino Fundamental I e ex-agregado**

Eu brincava, fazia matemática, pintando e escrevendo. Tinha que escrever, fazer o nome da escola. Tinha o livro “Beijo de bicho”, que tem sapo que beija, tem arara,

pombo, elefante, passarinho, formiga e peixe. Aprendi a ler (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

### **Mônada 6**

#### **É tudo misturado!**

#### **Por Quipá, professora indígena do Ensino Fundamental I**

Este ano está melhor. No ano passado foi como entrar no barco e não saber nadar. O curso veio a calhar. As crianças estão gostando da aula que eu estou dando. Eram quatro crianças agregadas que continuam nesse ano e no próximo. Achei que não ia dar conta, não sabia por onde começar. No começo, achei que elas iam me atrapalhar e, com o passar dos dias, elas estavam me ajudando por estarem ali. Tinham força de aprender. Criança vai o dia que quer e elas iam todos os dias. Um dia, eu saí com elas para desenhar a casinha do João de Barro. A casinha do João de Barro já estava aqui há muito tempo. Eles nunca tinham percebido e parado para observar. Eu sabia que eles já conheciam e eu vi a carinha deles de que nunca tinham visto. Eles registraram. Falavam assim: “eu não sei desenhar”; achavam que o desenho era igual e, como o desenho delas era rabisco, diziam que o desenho estava feio. Agora já estão matriculados e minha contribuição para eles fez a diferença. Avançaram bastante. Foi difícil. Como eu era inexperiente e, é pouco tempo para ganhar uma experiência boa. O pensamento vai mudar a maneira que você vê e você vê de outra forma. Antes eu me via quase como incapaz e pensei em desistir. As crianças, as coisas que elas aprendem me motivaram de alguma forma; só faltava o tempo. Eles eram afastados na hora da brincadeira e, com o tempo, eles foram aprendendo que eram todos iguais. No começo é difícil, não desisti porque desistindo a gente não chega ao objetivo que a gente quer. Eu acho que tenho que melhorar muito, queria alguma coisa para tirar essa timidez, meu jeito. Eram cinco matriculados de quatro a cinco anos. As meninas tinham três anos e os agregados eram três meninas e um menino. As mães adoravam trazer os filhos para a escola; eles tinham a obrigação de ir para a escola todos os dias. A Maria, a casa dela é longe, eles eram os primeiros a chegar, vinham cedinho. Agregado está ali sem ter idade de estar matriculado. Neste ano de 2014, temos 11 matriculados de quatro e cinco anos e um não matriculado de três anos. Ela está ali junto com as outras crianças e a dificuldade é o material. Eu faço material separado para ela, ela não sabe o alfabeto, numerais e o resto é tudo misturado. Tudo junto da mesma maneira, da mesma forma, uma palavra certa é a união deles. Sem a união não chega a lugar nenhum. Aqui na aldeia se a gente não fosse unida, a gente não teria conseguido a nossa escola, o posto de saúde. É





uma experiência boa esse começo; como comecei agora, me sinto melhor, mas antes me sentia com muita dificuldade. Minha vontade é ser professora, estou caminhando, quero ser melhor (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

### **Mônada 7**

#### **Sem ficar no pé!**

**Por Gi, professora não indígena,  
moradora da aldeia e casada com um indígena.**

No ano de 2013, comecei a dar aulas para uma turma de primeiro ano. Em meio a esses alunos tinha um que era agregado, pois ele fazia parte da Educação Infantil, mas como não havia sido liberada a Portaria para abertura, o Ikaôni quis frequentar minhas aulas. No começo, eu era toda inexperiente, pois era o primeiro ano que eu lecionava. No começo, eu acreditava que ele ainda não tinha um amadurecimento, também não pegava muito no pé dele, mas passava todas as atividades para ele fazer também. O tempo foi passando e quando a Educação Infantil abriu, o Ikaôni quis ficar lá só um dia e voltou para mim. Tinha responsabilidade, fazia as lições com precisão e ao final do ano já estava lendo e escrevendo como os outros. Hoje ele é matriculado no primeiro ano e tenho às vezes que fazer atividades diferenciadas para ele, com um grau de dificuldade mais avançado, pois já está alfabetizado. Para mim, foi uma experiência muito proveitosa e para ele também, pois já está bem adiantado. O aluno agregado quando é um aluno esforçado e interessado, mesmo sem ficar no pé dele e sem muitas cobranças, ele avança e aprende como os outros (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

### **Mônada 8**

#### **Eu não mandava, ele ia.**

**Por Tioxiã Epuê, liderança indígena.**

Não é coisa ruim não, é coisa boa. Na casa que tem dois, vem um, na casa que tem três fica um. Isso é ruim. A gente não pode atrapalhar a sabedoria deles. Se eles veem os outros aprenderem, querem também. Têm o desejo de aprender e a gente não pode deixar a criança desejar. As mães têm dificuldade de arrumar serviço porque não têm com quem deixar os filhos. Elas arrumam serviço e não têm com quem deixar. Atrapalha a criança e a mãe também. Meu neto não sabia pegar no lápis, ele diz: vou fazer o “t”, o “a” do alfabeto. Não tem idade de ir à escola, mas já está sabendo fazer um bocado de letras. Quando chega a idade de ir para a escola, já está sabendo. Só pelas professoras eles não entravam. Achavam que era bom pegar quem quisesse para

aprender. Elas dizem que atrapalham, atrapalham porque não estão matriculados. Eles dão mais trabalho. A atrapalhação é por isso! Eles estão vindo, se atrapalha ou não, o fato é que eles estão lendo. Já é antigo desde a Fazenda Canto. Eram dois irmãos, um tinha idade o outro não tinha. O que não tinha idade chegava para participar. Nem que fosse da merenda, eles participavam. Só que eu acho que deveria ter uma coisa para eles. Eles são agregados, mas são muito sabidos, são muito espertos. As mães queriam que aceitassem diretamente os filhos na escola. Desde a Fazenda Canto, quando eu caçava meu filho, já sabia onde ele estava, na escola. O meu neto, eu não mandava, ele que ia. Algumas vezes que eu ia buscar é porque ele iria atrapalhar os outros. A obrigação das professoras é com quem está no papel, mas eles vinham. É o limite dos indígenas, onde está um tem que estar todos. Isso é um dom. Tem que estar a turminha, já é de nascimento mesmo. Eles estão recuperando o lado deles, com vontade de construir uma coisinha para eles, coisas boas. A leitura é uma boa, não tem para que melhor. Você levantar os olhos e enxergar o que tem num letreiro nas estradas avisando que tem perigo, porque você já está se defendendo com seus próprios olhos. Se você não sabe, vai prejudicar. Não tem coisa melhor de que você poder enxergar as coisas. Elas contribuem, no começo dão trabalho e, quando chega cá, é um ponto de animação para as professoras aprenderem a união, aprender a se unir. Não tem coisa melhor, a união, a saúde e a barriga cheia; estes são recursos muito fortes. Uma criança agregada representa uma força, uma vontade de aprender. Se ela chora para ir à escola, é que ela tem aquela força de estudar. Já tem desejo de aprender. Um futuro muito bom para eles e para a aldeia. A aldeia também se sente com vantagem de ter crescimento, de ter muitas coisas boas para crescer. Aquilo que eu vejo: o certo é eles participarem também juntos com os outros (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

### **Mônada 9**

**Vão entender como é a vida da gente!**

**Por Purinã, professor indígena.**

Eles têm de aprender o que eu aprendi. Um pouco, porque ninguém sabe tudo. Aprendi com meus alunos. Aprendi com o Seu Manoel. Ele dizia assim: “Purinã poder aprender é bom. A terra tem que ser mexida, é o que dá o nosso sustento, o alimento para nós. A gente que não tem estudo resolve mexer com a terra. Seis meses de barriga cheia, seis meses de barriga trabalhando para encher. Outros enchiam de feijão e arroz.” Manoel era o pai do cacique. Eu trabalhava com ele, ele falava para mim: “– Eu estou passando para eles o que eu aprendi. Você tem que entender uma coisa. Não é só gente que estuda que vai dar o melhor. Porque





tem muita gente formada e não tem emprego. A chance vai para quem tem mais condição de pagar estudo, para ser engenheiro. A gente que é fraco tem que aprender de tudo; ler e tem que aprender a mexer com a terra”. Os agregados ficam olhando e fazem também, depois vou ajudando. Eles gostam da minha aula, nem se for só para ficar olhando. Vão, fazem questão de ir. As mães ficam com medo porque eles não fazem parte da aula. Mas eles vão. Fico responsável por eles, os alunos maiores já cuidam de si. Sinto-me criança no meio deles. Voltar no tempo, lembrar quando a gente era criança. Para todo canto que a gente vai é uma brincadeira. Já tenho 53 anos de idade, agradeço a Deus e espero viver mais uns 40. Aquela menina da Jaíra, eu esqueci o nome dela. Ela falou para mim: “porque o senhor é professor, onde o senhor aprendeu? “Fiquei caçando o que eu ia dizer para ela. Minha filha, eu aprendi mexendo com a terra, aprendi a plantar mandioca, como colher, como fazer o alimento dela. Ela tem quatro anos. Essa resposta eu dei, eu falo do menor para o maior. Trabalho braçal porque não tenho estudo. Estou dando um conselho: estude, tem a chance de estudar, estude. Eles dão trabalho, eles pisam por cima das plantas e conversando com eles, nós plantamos e a gente mesmo bagunça. Já deram um passo na frente entendendo como é a planta. Eles perguntam das plantas, não só planta do alimento, mas da planta medicinal. Levo eles para a mata. As que eu conheço eu digo, as que não conheço, é desconhecida, pergunto para o Cacique. Os agregados estão aprendendo muitas coisas: como é a vida da gente, entender como é a vida da gente. Quando eu não era professor, minha vida era trabalhando no campo. Sou professor porque aprendi a lidar com a terra. Desde os 12 anos, comecei a trabalhar na foice, na enxada, batendo tijolo. Essa é a história do que aconteceu comigo. É bom aprender, se eles aprenderem vão entender como é a vida da gente. Perdi meu pai quando eu tinha seis anos. Minha mãe, eu via ela lutando para nos criar sete filhos e não tinha nada. Ela lutando para cuidar de nós. Quando fiquei maior comecei a trabalhar para ajudar. A diária de serviço era um conto de réis. Os homens ganhavam a diária inteira. Eu como era menor... O Zé Tenório, fazendeiro, via a nossa situação: “– Vou pagar a metade, sei que vocês precisam”. No domingo chegava em casa com dois contos e quinhentos. Ela comprava farinha, feijão. Ela abençoava todo mundo, por isso sou abençoado, eu digo abençoado não é porque eu tenho tanta coisa. Perdi meu pai, perdi meu irmão mais velho com 40 anos, meu irmão mais novo com 36, e eu estou com 53, graças a Deus. Por isso eu falo que sou abençoado! (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

### Mônada 10

#### É uma situação de aprender! Por Thyeru, professor indígena.

A criança agregada já faz parte da escola. Mesmo que não estão matriculados, é a convivência, é a amizade. O que os alunos matriculados fazem, os alunos agregados fazem a mesma coisa. Serve de preparação, quando tiver a idade de ser matriculado. Entre eles não há separação, eles têm que participar, porque faz parte do dia a dia viverem juntos. Eles aprendem da mesma maneira que o matriculado. Aprendem participando da aula de Cultura. No meio dos outros aprendem a história dos antepassados, dançando o Toré, os cantos do Toré, participando da religião, cuidando do nosso espaço, na mata, das pinturas, fazendo artesanato como o cachimbo. Estão ajudando os pais a participarem da nossa cultura. Eles estão ajudando, eles cobram dos pais para participarem, falando: “por que não querem ir na cultura e na religião?” Muitas vezes eles perguntam: “por que o senhor não quer ir hoje?” Fortalece demais. O contexto com a tecnologia vai do interesse de quem domina essa cultura. Existe esse confronto. Os jovens que não participam dessa escola têm essa dificuldade. Tenho 34 anos já sou velho em relação a quem tem cinco anos. Como a gente dá suporte em questão de alimentação, este é o fator negativo, pois falta merenda para todos. Mesmo assim, os agregados não deixam de ir para a escola. Vão todos. A aula que eu dou para os matriculados é a mesma aula dos agregados. Eles se adaptam quando participam juntos com os outros. É uma situação de aprender, é bom! (S.B.S., Entrevista, dezembro de 2013).

#### O eco das vozes

No tópico anterior, trouxemos os ganhos da Escola Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã e do aluno agregado quando acolhido por seus professores e colegas. O sentido do exposto a respeito extrapola a aldeia. Bonder (2008) e Derrida (2003) referem-se ao acolhimento ao estrangeiro e trazem contribuições que caminham na mesma direção das mônadas aqui apresentadas.

Em *Tirando os sapatos*, Bonder (2008) nos faz conhecer a tenda de Abraão:

[...] Abraão, de forma singela, não abre mão da verdade. Sua prática mais importante para tal é manter a tenda aberta em todas as direções. Esta postura não defensiva lhe permite evitar suas próprias artimanhas e persuasões para construir ilusões acerca de si e do mundo à sua volta. Ilusões estas que, em parte, as identidades produzem. [...] Abraão quer limitar e ser poroso; quer ter identidade e ser poroso; quer ter identidade e ser anfitrião; quer ter tenda e a quer aberta (: 111).





No livro em que responde a Anne Dufourmantelle sobre hospitalidade, Derrida (2003) interroga a respeito daquele que chega – o hóspede:

É mais justo e amável perguntar ou não perguntar? Chamar pelo nome ou sem o nome? Dar ou aprender um nome já dado? Oferecer hospitalidade a um sujeito? A um sujeito identificável? A um sujeito identificável pelo nome? A um sujeito de direito? Ou a hospitalidade se torna, se dá ao outro, antes mesmo que ele se identifique, antes mesmo que ele seja (posto ou suposto como tal) sujeito, sujeito de direito e sujeito nomeável por seu nome de família, etc.? A questão da hospitalidade é, assim, a questão da questão; mas é também a questão do sujeito e do nome como hipótese da geração (: 25).

Abraão quer limitar e ser poroso; quer ter identidade e ser anfitrião; quer ter tenda e a quer aberta. A questão da hospitalidade remonta à questão da questão; mas é também a questão do sujeito e do seu nome como hipótese da geração.

Derrida, da mesma forma, com sua resposta gera indagações sobre os atos de acolher e de hospedar. Ambos os autores reforçam o que as mônadas nos apontam sobre os alunos agregados e a maneira pela qual são recebidos e atuam, nas turmas escolares da Escola Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã.

Deixamos claro que a hospitalidade oferecida por seus professores define-se pela abertura da escola a todos os alunos, independentemente das regras do sistema de ensino, que exigem uma identificação - a matrícula, para que o acolhimento ao agregado seja possível e para que o benefício do ensino lhe seja propiciado. O nome *agregado* vem de fora e lá fica, porque na Escola o que importa é o nome de cada um: Maria, Ikaôni, Elianaowá entre muitos outros, que passaram por lá e ainda estão por chegar. Lideranças, professores, comunidade querem a escola e a querem para todos os que chegam.

Quando exercida de forma irrestrita, a hospitalidade é condição determinante da inclusão. Hospedar dessa maneira implica que o aluno seja considerado na sua singularidade, percebido e acolhido sem que se estabeleça a diferença entre um e outro colega, em razão da comparação de conhecimentos, idade, capacidades e outras especificidades de cada um. Os professores dessa Escola perceberam o valor e os ganhos gerais de hospedar o agregado.

Ser tido como um aluno agregado pode ser uma oportunidade de se criar mais uma categoria de alunos, sujeita a diferenciações que visam excluí-los do ambiente escolar. No caso da Escola Indígena aqui estudada, a diferenciação por categorias fica apenas na denominação dos estudantes – portanto, matriculados e agregados ganham com a convivência. Somos seres singulares e a diferença de cada um vai diferindo continuamente, seja para melhor ou para pior, tanto interna como externamente.

Para as autoras, ambientes escolares inclusivos distinguem-se por abrir a escola a todos os alunos, por observância ao direito à educação e para que aprendam a compartilhar, a conviver e a questionar a diferença.

Ler e saborear na singeleza das palavras e frases das mônadas, o pertencimento, a aula de Cultura, nas experiências de cultivo da terra reafirma os preceitos da educação inclusiva e seu valor primordial. Isso se resume no poder do encontro, do entrechoque de capacidades, vivências, nos olhares peculiares a cada um, sem quaisquer pretensões de igualar e uniformizar desempenhos, protagonismos.

Walter Benjamim (1994) abre espaços para pensar o aluno agregado como uma oportunidade de viver as “ações da experiência”, na vida escolar. Ele também toca na questão da hospitalidade e cita Scheerbart<sup>5</sup> e a idéia de uma cultura de vidro que apaga os rastros e muda os homens, expandindo a pobreza de experiência para toda a humanidade.

Mas, para voltarmos a Scheerbart: ele atribui a maior importância à tarefa de hospedar sua “gente” e os co-cidadãos, modelados à sua imagem, em acomodações adequadas à sua condição social, em casas de vidro, ajustáveis e móveis, tais como as construídas no meio tempo. Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm nenhuma aura (: 118).

O aluno agregado, conforme é concebido e tratado na Escola em estudo, é alguém que rompe com as “escolas de vidro”, enriquecendo a experiência educacional. A experiência inclusiva vivida pelos professores e alunos da Escola alinha-se à grande experiência coletiva (Erfahrung), que fundava a narrativa antiga, segundo Benjamim. Pois o acontecimento vivido é finito, ou pelo menos, encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado pelos que o viveram é sem limites, é uma chave para entender o que veio antes e o que poderá vir depois.

Nos 15 anos de funcionamento da escola indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã, os vestígios deixados pelos alunos agregados assemelham-se aos traços do arado na terra. Eles constituem essa força poderosa que, ao revolver o chão da escola, risca novas linhas de compreensão e pode romper com a rigidez das normas escolares.

A professora Aroeira, na mônada 3, fala sobre a participação de seu filho e nos remete a Illich (1968), na década de 60, quando refere:

[...] A aprendizagem criativa e pesquisadora requer que os participantes estejam perplexos perante os mesmos termos ou problemas. [...] A mais radical alternativa para a escola seria uma rede ou um sistema de serviços que desse a cada homem a mesma oportunidade de partilhar seus interesses com outros motivados pelos mesmos interesses (: 86).

Para o autor, um bom sistema educacional deve ter três propósitos: dar a todos os que queiram aprender, em qualquer época de sua vida, o acesso aos recursos disponíveis; capacitar os que queiram partilhar o que sabem a encontrar os que queiram aprender algo

5 Walter Benjamin não faz citação da obra de Paul Scheerbart da qual foram extraídas as citações.





deles e, finalmente, dar oportunidades a todos os que queiram tornar público um assunto, a possibilidade de que seu desafio seja conhecido. Nesse sentido, podemos pensar que a experiência da presença do aluno agregado na escola é um espaço da partilha, onde todos têm a possibilidade de aprender independente da faixa etária em que se encontrem. Dar a todos que querem aprender a mesma oportunidade, mudando, alterando, rompendo com os dogmas escolares excludentes.

As escolas, na concepção de Illich, estão baseadas na suposição de que há um segredo para tudo nessa vida e que a qualidade da vida depende do conhecimento desses segredos. Tais segredos só podem ser conhecidos por passos sucessivos e ordenados, por intermédio de professores que sabem revelá-los corretamente. Uma pessoa escolarizada concebe o mundo como uma pirâmide, composta de pacotes classificados, cujo acesso depende do conhecimento de rótulos.



*Fotografia 1 – Criança indígena Xucuru Kariri (agregada) – Arquivo da autora 2013*

Elianawa olha pela janela a sala de aula que ainda não lhe pertence. A foto ilustra a proposta de Illich (1985): “as novas instituições devem facilitar o acesso ao aprendiz: Se não puder entrar pela porta, permite-lhe que, pela janela, olhe para dentro da sala de controle ou do parlamento” (: 86).

Ainda na mônada 3, a professora Aroeira pergunta para os alunos: “como é que se escreve lobo mau?” Um aluno agregado, de três anos, responde: “é com L de lápis”. “Todo mundo ficou sem entender nada. Como é que ele sabe? Nem eu mesmo sei. De tanto ele ir para a escola!”

A criança, segundo Illich, desenvolve-se em um mundo de coisas, rodeada por pessoas que lhe servem de modelo das habilidades e valores. Ela precisa encontrar colegas que a desafiam a interrogar, competir, cooperar e compreender; e, se a criança tiver sorte, estará exposta a confrontações e críticas feitas por um adulto experiente, que realmente se interessa por sua formação.

A professora Quipá confessou “pensei que não ia dar conta”. Ela também foi atingida pelo poder do aluno agregado. Da sensação de incapacidade de ser professora, que a levava a querer desistir da profissão, passou a entendê-la e a valorizá-la. Na mônada 6, há associações expressivas sobre a sua atuação, convivendo com alunos agregados. De fato, aprendemos com nossos alunos, independentemente de serem ou não matriculados. As experiências de sala de aula interferem no cotidiano e na maneira pela qual ensina. Os alunos agregados, em especial, alteram o saber do fazer dos professores e os provocam a ensinar cada vez melhor.

### **E Ikaôni aprendeu a ler**



*Fotografia 2 – Criança indígena Xucuru Kariri (agregada) - Arquivo da autora 2013*





No livro *Beijo de bicho* (LIMA, 2011) que tem sapo que beija, tem arara, pombo, elefante, passarinho, formiga e peixe, aprendi a ler. Assim se expressa esse menino de cinco anos, na Mônada 5. Walter Benjamin (1987) em “O jogo das letras” amplia o significado da voz desse menino, que escreve na janela:

Tinha de permanecer do lado de fora tal como o porteiro que deve passar os eleitos. Portanto, sua relação com as letras era cheia de renúncia. A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a despertar para mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenava como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, como sonhar no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém nunca mais poderei torná-lo a aprendê-lo (: 105).

Que mais dizer dos agregados e sobre a importância do aluno, que não é aluno, nessa e em qualquer escola?



*Fotografia 3 – Crianças indígenas Xucuru Kariri (agregada) – Arquivo da autora 2013*

Vejo-os como o pedacinho do amanhã, afirma a professora Gi, na mônada 7 [...] “a criança que se sente em casa, ela mostra aquilo que a gente não consegue enxergar nos gestos, na fala, nas brincadeiras; têm liberdade. Nas escolas da rua tem tudo regradinho, não tem espaço para a criança crescer”.

É preciso um tempo para que o vínculo entre o agregado e a escola com seus estudantes e professores se estabeleça – um tempo em que ele não é aluno, ou melhor, não é o aluno premido pela regra, instituído, matriculado. Ele tem de estar livre para andar, para ler do seu jeito, sem pressões, expectativas. Esta é uma das lições que temos de aprender, lendo e relendo o que nos relatam os que vivem na aldeia – professores, alunos, mães, pais, irmãos.

“As novas instituições devem facilitar o acesso ao aprendiz: senão puder entrar pela porta, permite-lhe que, pela janela, olhe para dentro da sala de controle ou do parlamento” (ILLICH, 1985: 86).

### Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Agueda Bernadete. *Um homem que lia. In Imagens e palavras: homenagem a Milton José de Almeida*. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza. In Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; vol. 1)

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDER, Nilton. *Tirando os sapatos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade. Jacques Derrida [Entrevistado]*. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

GALZERANI, Maria Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento em Walter Benjamin. In: FARIA A. L.G.; DEMARTINI, Z. B.F.; PRADO, P. D. *Por uma cultura de infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2005.

PRADO, P.D (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem Escolas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 19





LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. Os Princípios da Filosofia Ditos a Monadologia. In: *Coleção Os Pensadores*. 1ª edição. Vol. XIX. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LIMA, Rosângela. *Beijo De Bicho*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

PIGNITARI, Décio. *Poema Concreto Terra*. Disponível em: <https://ditirambospoesia.wordpress.com/2012/08/20/decio-pignatari-terra-2/>. Acesso em: 20 de maio de 2018.